

## DOENÇA E CURA

Fabian Balbinot

Para M. P.

### CAPÍTULO 1

- Você fica aqui... até eu voltar - disse o demônio, rindo, lançando um último e perverso olhar para seu apavorado hóspede antes de fechar a porta e sumir.

O homem que agora estava trancafiado tinha ares de adolescência marcados nos traços leves de seu rosto. O cabelo escuro e comprido caía em seus ombros, misturando-se com os fios bem mais claros das grossas cordas que apertavam seus braços junto à cadeira onde havia sido amarrado. Uma mordaza ainda mais apertada tapava sua boca e suas narinas, fazendo-o sentir continuamente o gosto seco do tecido absorvente.

Não que necessitasse respirar...

Ele estava preso, atado a pés e mãos àquela cadeira grossa e pesada de madeira. Cabeça baixa, sentia-se humilhado tanto quanto amedrontado. Sabia não ser pessoa das mais fáceis de se lidar... Sabia não se tratar de uma pessoa comum, como as outras. Uma pessoa normal.

Não, de normal ele não tinha nada. Conhecia poderes e possuía capacidades capazes de pôr à prova os nervos do mais corajoso dos mortais. Capacidades sobrenaturais, por assim dizer. No entanto, suas fantásticas habilidades de nada valiam, e ele estava ali, atado, imprestável, com os nervos esfarrapados, a cabeça girando em devaneios improdutivos.

Lembrava das palavras que o recém saído havia dito.

*“Sou como vocês”, dissera. “Preciso me alimentar... preciso de sangue... de um tipo especial de sangue.”*

O homem, o demônio, ele vestia trajes antiquados. Uma espécie de capa preta, algo que lembrava uma cartola em sua cabeça, tudo cheirando a mofo. Partes visíveis do tecido estavam rasgadas ou descosidas, e a roupa daquele ente, de tão desbotada e manchada parecera-lhe não só estar representando um dos trajes típicos do início do século como também ter sido trazido com exclusividade de tal época.

Um triste ornamento, bastante adequado às características de quem o vestia, pois o demônio mais parecia ter sido materializado a partir de um pesadelo: suas carnes davam a impressão de estarem prestes a se descolar em torno dos ossos, tamanha a flacidez que aí se via. Pele não existia, a não ser uns restos de cartilagens escuras e mortas, penduradas aqui e ali em mãos de dedos que eram tão finos quanto possantes. Dedos que o tinham agarrado e imobilizado sem nenhuma dificuldade, momentos após ter se dado o encontro fatal.

O rosto do demônio, inesquecível como um trauma, erguia-se perante sua imaginação com abominável freqüência. Os olhos soltos, vazados, porém plenos de vida; o nariz destruído, sem sustentação - um punhado de carne escurecida e

enrijecida, que deixava visíveis as cavidades nasais. Os nascedouros dos dentes claríssimos à mostra por debaixo da pele seca do queixo e da mandíbula. Os cabelos secos e quebradiços...

*“Vocês são as aranhas”,* havia dito o demônio, com sua voz tão seca quanto o seu corpo. *“Os outros, os vivos, são as moscas, que vocês capturam... e eu sou a vespa da terra. Assim como vocês precisam das moscas... eu preciso de vocês...”*

Enquanto falava, havia amarrado-o com surpreendente facilidade.

*“Vocês... vocês são a doença dos outros. A doença das moscas... E eu sou a cura. Sou a doença de vocês!”*

O demônio partira, envolto em seu manto esfarrapado de mendigo, deixando-o ali, neste lugar sombrio, com os ecos de suas últimas palavras, que tinham força suficiente para continuar reverberando pelas paredes de sua mente, ecoando talvez pelos séculos afora.

Era uma casa pequena. Tijolos não cozidos à vista, formando paredes toscas. Teto de tábuas. Chão batido, de terra úmida e barro pisado. Uma única porta, grande e dupla, constituída de tábuas grossas, como as do teto. Palha seca e capim espalhados pelo chão. Um cocho de madeira pendurado de alguma forma em uma das paredes, além da pequena e fraca lâmpada, suspensa pelo cabo elétrico que a alimentava no ponto mais central do teto, e que surgia através das divisas das grandes tábuas ao alto. Uma lâmpada que, mesmo estando desligada, não o impedia de vislumbrar com relativa facilidade todos os contornos deste estábulo onde fora deixado, imerso na escuridão da noite.

Enxergar ainda era tão fácil para ele. Ver luz onde só havia escuridão.

Mas de que isso lhe valia...

Não havia dúvida de que estava em um subúrbio qualquer, ou mesmo em uma distante zona rural. Sentia resquícios do hálito adocicado do leite; o cheiro forte, remanescente dos verdadeiros ocupantes deste lugar - vacas e bois, que deviam encontrar-se muito longe das imediações, afinal, mesmo concentrando ao máximo sua outrora privilegiada audição não os podia captar.

Sequer escutava as respirações destes animais. Nem mesmo os insetos da noite e o som da cidade ao longe podiam ser ouvidos.

Estava sozinho, em um fim-de-mundo qualquer, e por algum motivo não podia contar com a plenitude de suas habilidades de percepção. Ouvia como uma pessoa qualquer, o que, para ele, equivaleria a dizer que havia ficado surdo.

Como tinha vindo parar ali? De alguma forma, era certo. A inconsciência encarregara-se de nublar alguns pontos cruciais do passado, deixando umas poucas lembranças para serem examinadas, uns poucos detalhes a serem interligados pela mente dolorida do cativo, enquanto este buscava esclarecer os motivos que tinham originado sua agonia.

Conhecera o demônio por acaso, em uma de suas costumeiras andanças noturnas. Um homem da noite, como ele próprio, vestido a caráter. Um outro possível companheiro entre os poucos que conhecera no decorrer da noite eterna que estava fadado a viver? Via agora que não. Depois de uma conversa amena entre os dois, que não deixara margem para qualquer desconfiança, viera o pior. Após a despedida. *“Ei, amigo, espere um pouco...”* O cheiro diferente. O sangue sendo oferecido. A fome e o temor repentinos. E a inconsciência.

Depois disso mais nada.

Até mesmo o sabor inigualável, o cheiro atrativo do sangue vigoroso do demônio havia se dissipado de sua lembrança.

Agora estava ali. Longe da cidade grande e da agitação mundana da civilização. Longe da comida fácil. Seco e sem vida, vazio. E perto do dia... Perto demais do dia.

Pressentindo o perigo, o calor iminente do sol, ele começou a se debater, lutando contra as amarras que o mantinham naquela cadeira maldita. Sentiu a cólera crescendo dentro de seu corpo; o frio ardendo em seus músculos, tornando-os em fibras possantes como cordões de aço. Sua vista turvou-se, tornando as imagens antes brilhantes, claras como o dia, em chamas distorcidas de um vermelho vivo. Unhas pontiagudas, semelhantes a garras, desenvolveram-se nos dedos crispados. Dentes afiados como serras destruíram a mordaca, liberando um grito agudo que mais parecia o rosnado de uma besta do inferno.

Fora de controle, a fúria explodindo no peito, o homem ensandecido começou a balançar a cadeira de um lado para o outro, como um louco descontrolado faria em um manicômio. Gritava e gemia, os olhos rolando nas órbitas tal e qual os prêmios das máquinas caça-níqueis dos cassinos que abundavam no próspero lugar de onde viera. A doença da noite queimando sua alma. A agonia e o esgar gerando força e poder inumanos. As cordas rompendo-se aos poucos, influenciadas pelo ritmo frenético do balanço da cadeira, esmerilhadas pelo atrito com os músculos fortíssimos.

De tanto ser agitada pelos solavancos, a cadeira acabou virando. O homem metamorfoseado caiu junto, batendo no chão e ganindo como um cão. A palha suja veio ter com a sua boca, junto de um punhado de terra e esterco. Raivoso, ele cuspiu a mistura nojenta e gritou outra vez. Voltou a contorcer-se desesperadamente, afrouxando mais as cordas, gemendo devido à dor profunda que sentia no peito... no estômago... A dor do poder da noite. A dor da sede, da esfaima demoníaca.

Quando deu por si, estava livre. Desenlaçou-se das cordas frouxas, atirando-as para longe. Chutou a cadeira contra uma das paredes, fazendo uma de suas pernas de madeira quebrar-se com o impacto, o que jogou pequenas lascas para todos os lados.

O homem metamorfoseado sentiu dores incríveis lacerando sua barriga e seus músculos. Enxergava tudo vermelho, como se visse sangue jorrando pelas paredes... uma cascata de sangue translúcido, formando uma lagoa que cobria o chão inteiro e transbordava, submergindo-o no caos escarlate e intangível. Parecia que a cabeça ia explodir. A dor da fome e da sede e da fúria. Os vermes que não conhecia galgando suas entranhas, arrancando nacos de sua carne centenária. A maldita dor.

Projetou-se como um animal contra a porta dupla de tábuas, que abriu-se estrondosamente, rebentando a fechadura tosca. Saiu cambaleando a passos imprecisos, sem ver onde pisava, apoiando-se com as mãos. Uma ponta aguda penetrou em sua mente, fazendo-o lançar-se ao chão. Apertou com força as mãos contra o crânio, desejando esfacelá-lo de uma vez por todas, esmagando os vermes que caminhavam por ali e reduziam seu cérebro a pó... eliminando a maldita dor.

Tombou de frente, como um executado que cai morto depois de uma saraivada de tiros, empurrando o rosto contra o chão de barro e capim. Sorveu da terra molhada pelo sereno, sentindo ânsias pela garganta inteira. A maldita dor... *maldita... maldita maldita maldita!*

Levantou-se, gemendo, agonizando. Não ouvia mais nada há tempos, e agora tampouco podia ver. Urrava de dor e fúria. Sentia a cabeça girar... a consciência se perder...

... até que tudo ficou escuro.

O homem abriu os olhos. Piscou-os algumas vezes. Instintivamente levou a mão à testa. Estava em um lugar aberto...

*Capim?*

... pelo que podia ver. Girou os olhos para os lados, procurando verificar o que havia pelos arredores. Mato baixo, rasteiro, cercado-o. Centenas, milhares de folhas finas e compridas oscilavam acima e em redor de sua cabeça. Flores pequenas misturavam-se às chibatas verdes de capim, apontando para o alto suas pétalas contraídas.

Devia ser alta madrugada. Era muita sorte que a noite ainda não tivesse terminado, julgou o homem caído na relva, usando de seus sentidos refeitos para observar o movimento pelas vizinhanças e determinar o horário com relativa precisão.

Conseguia ver e ouvir os insetos noturnos dardejando em seus vôos rápidos ou desengonçados. Havia muitas moscas.

Uma das moscas aproximou-se para pousar em seu nariz. Curiosa, procurou infiltrar-se logo de uma vez pelo caminho aberto de uma das narinas.

- *BRRRRUFFF!* - espirrou o homem, erguendo seu tronco da relva molhada. - *Saia daí!* Porcaria... ah! - grunhiu ele, espantando a mosca com a mão.

Sacudiu a cabeça, contrariado, abanando os braços e ocasionando uma pequena revoada de insetos. Coçou o nariz com o pulso, esfregando-o furiosamente.

Sapos coaxavam não muito longe.

Não suportava moscas! Não podia sequer vê-las - criaturas repugnantes. E deixavam a franca impressão de preferirem ele ao invés de outras tantas *iguarias* que existiam aos montes por aí. E nunca surgiam sozinhas, as desgraçadas. Tratavam de trazer toda a família...

Empurrou para trás o cabelo comprido que caía em seu rosto. Sempre trazia um elástico atrelado na manga de sua camisa para poder amarrá-lo ao cabelo, porém desta vez, esquecera-se de fazê-lo, devido às circunstâncias talvez.

Pôs-se a recolher as melenas negras, acomodando-as dentro da gola de sua jaqueta de couro preto, que já tinha estado bem mais limpa do que agora, enquanto usava sua visão mais humana e normal para olhar em redor de onde se encontrava. Viu umas árvores altas, do tipo que espalha para os lados as suas copas de folhas minúsculas, dando a impressão de que a imagem que se vê foi distorcida.

Vacas pastavam e algumas dormiam, encolhidas sobre as quatro patas. Uma rês estava caída de modo diferente, não muito longe. Parecia estar morta, o que era confirmado pela revoada de moscas que a assediavam.

O homem ergueu-se do capim orvalhado, continuando a revistar o local em pé. Adiante, além das vacas e bois, das árvores irreais, e da grande cidade cinzenta, cujos arranha-céus pontudos podiam ser vistos de longe... bem adiante, atrás dos morros longínquos que oscilavam no fim do horizonte, lá vinha ele - *o sol*. Os traços vermelhos, o gradiente escarlata no tom ebâneo celeste era inconfundível. O homem vestido de preto soube de imediato o perigo que corria.

Virou-se para trás, conferindo com calma o restante da paisagem. Sentia leves dores nos ombros, nos braços e na barriga, coisa...

*... vermes caminhando pelo seu estômago...*

... de pouca importância. Enquanto esfregava as mãos nos músculos dos antebraços diametralmente opostos, com os braços cruzados, verificou que apenas a

alguns metros de onde estava havia uma casinha pequena, feita de madeiras e tijolos crus. Aproximou-se.

A porta encontrava-se aberta - uma porta dupla, bastante sua conhecida, cujo ferrolho estava despregado, inutilizado. Era o pequeno estábulo, sem dúvida. O lugar onde permanecera amarrado boa parte da noite - sua visão super poderosa mostrava os pedaços de corda e a cadeira quebrada caída junto à parede, brilhantes, inconfundíveis, comprovando o que havia ocorrido. Já tinha ouvido falar de estábulos feitos de madeira por inteiro, tão pequenos como este. Por que será que tinham feito aquele ali de madeira e tijolos? Seria aquele um outro sinal dos novos tempos?

A porta foi empurrada por um golpe de vento, e os seus gonzos enferrujados rangeram em resposta aos seus devaneios.

Saiu andando pela lateral da diminuta e inovadora manjedoura, onde a luz não poderia atingi-lo. O sol vinha vindo, escaldante, e ele tinha de se apressar. Olhou com tristeza de volta para a porta dupla. Quebrada do jeito como estava, não poderia ser fechada. Não ofereceria segurança alguma. A primeira brisa que soprasse a abriria, expondo todo o interior da construção aos olhares ferosos do astro-rei, e então ele estaria frito. Além disso, havia muitas frestas entre as tábuas da porta, e mesmo entre as que formavam o teto, ele bem podia lembrar. Algumas telhas faltavam, e ele nem queria imaginar os problemas que iria ter caso despertasse ali no decorrer do dia, cercado por fachos faiscantes de luz solar, rodeando-o por todos os lados, prontos para cortá-lo em pedaços como sabres de *laser*.

Decepcionado, abandonou o pequeno estábulo, acenando negativamente com a cabeça. Não temia o sol, mas a dor...

*... vermes dilacerando seu cérebro...*

*... não, não podia suportar a dor de uma segunda morte.*

Viu adiante uma colina que parecia acabar logo ali, mas que na verdade abria-se em uma inclinação brusca, formando uma ladeira. Lá embaixo, a uns cem metros...

*Uma casa!*

Ele sorriu, aliviado. Uma casa. Uma casa mesmo, de verdade. Proteção de verdade. Quatro ou mais paredes grossas e um teto de concreto *à prova de sol!* Paredes duras, sólidas. Janelas com tampas, e nada de frestas nas tampas. Nada de fachos penetrando nas frestas. Portas com fechaduras e chaves, muito fáceis de serem abertas, ou trancafiadas. Talvez até uma ou mais fontes daquele líquido vermelho e saboroso ao qual costumava chamar de comida.

Correu pela ladeira, rumando para o pequeno chalé.

Enquanto corria, o vampiro gargalhava ruidosamente. Em seu trajeto, girava o corpo em graciosos movimentos de dança, fazendo gestos obscenos que eram dirigidos para o leste nocivo onde o sol amaldiçoado já devia estar mostrando sua testa fervente, rasgando as montanhas do oriente e os altos prédios de concreto da cidade grande com suas rajadas de lava luminosa e escaldante. Morria de rir, e rolava pelo capim de tanta felicidade.

Alcançou a casa afinal. As janelas estavam pregadas com tábuas velhas. Muitas camadas de tinta descascavam juntas pelas paredes, caracterizando o esmero com que o chalé fora tratado há muitos anos atrás, e o descuido que se podia ver agora, devido ao seu abandono. Trepadeiras cresciam, envolvendo muitas das paredes da velha casa em redes vegetais que muitas vezes alcançavam as orlas do telhado. Em um determinado ponto, a calha de escoamento de água que fora afixada nas extremidades do telhado, feita de zinco e oxidada, havia desabado, distorcida como uma serpente morta pelo chão calçado que dava volta em torno da

casa. Arbustos nasciam por entre as pedras do calçamento, enquanto que uma única grade, completamente coberta pela ferrugem, impedia o acesso para um suposto porão escavado nas fundações do casebre.

O lugar apeteceu o vampiro. Era o esconderijo perfeito, aquele porão. Lá, gatos, ratos, e outras pragas deviam passar as noites e mesmo os dias na mais completa escuridão. Se tivesse mais tempo, o visitante certamente olharia mais a fundo um lugar deste tipo. Porém, hoje, tendo em vista as circunstâncias...

Andou mais um pouco, até encontrar a frente da casa, que apresentava uma sacada de aparência pobre, revestida tanto de buracos quanto de azulejos de pinturas amuadas e cores irreconhecíveis. Dois pilares descascados de madeira seguravam o teto, que se destacava de modo a cobrir a sacada como uma última e forçosa medida arquitetônica, buscando exibir um mínimo de requinte e aconchego. Gramíneas e pestes vicejavam por entre as folgas dos azulejos.

O homem deteve-se junto à porta. Uma porta comum, solitária, colocada à esquerda de uma janela de veneziana, segura por algumas tábuas ali pregadas. Não havia nenhuma tábua bloqueando a porta, mas eram evidentes os furos no batente de madeira. Três ou quatro tábuas tinham sido deixadas, sobrepostas, bem ao lado da porta, com montículos de matéria ferruginosa - o que havia sobrado dos velhos pregos - espalhados em volta delas.

O homem vestido de preto franziu o nariz, desconfiado. Talvez tivesse alguém dentro da casa...

Talvez não.

Os raios do sol já enalteciam os morros de uma serra que se distanciava no oeste, fazendo seus olhos super sensíveis arderem. A noite não passava de ruínas.

Bateu na porta, afoito, apenas para mostrar respeito aos velhos tabus. Um dos algarismos que formavam o número da casa despreendeu-se e caiu - de 31 que era, a numeração sofreu uma queda brusca, transformando-se em apenas 1, enquanto o algarismo 3, metálico, quicou por duas vezes no piso de azulejos, e foi sumir no meio do capim, junto à área calçada.

Sem ter tempo para interpretar presságios, o homem inquieto bateu outra vez na porta. E mais outra.

Irritado, girou a maçaneta, que produziu um ruído áspero. A porta abriu-se, e ele penetrou na casa.

Sentindo-se mais aliviado por já estar longe do alcance das chamas mortíferas do sol, o homem vestido de preto fechou a porta, sorridente, refugiando-se na escuridão. Passou a conferir o local onde se encontrava, enquanto suas vistas se ajustavam à falta de luz. Viu que estava em uma sala de visitas abandonada, sem mobília, com uma única passagem que dava em um corredor. Blocos de argamassa seca caídos das paredes formavam montes de sujeira em torno destas. Um lugar definitivamente imundo, aquele.

Deu o primeiro passo em direção ao corredor, e parou de repente.

*Luz!*

Viu com espanto, o reflexo do sol pontilhando as paredes e o piso de madeira na sua frente. O sorriso sumiu de sua face.

*A porta!*

A luz... A MALDITA LUZ... em todos os lugares.

Horrorizado, ele piscou e encolheu-se para se livrar dos efeitos degenerativos do reflexo. Seus olhos ardiavam, fogo em brasa.

*A PORTA AINDA ESTAVA ABERTA!*

Protegendo-se da luz, movido com incrível rapidez por intermédio do poder de que dispunha, ele virou-se para fechar a porta. Instintivamente abriu os olhos.

Tudo estava escuro.

A porta continuava fechada, como ele a havia deixado.

“Bem vindo...”, soou a voz do demônio, vinda de trás de si.

Só então ele percebeu que não estava sozinho naquela sala, e que a luz que vira não passava de uma alucinação.

Súbito, os vermes passaram a se mover mais rápido dentro de seu estômago.

Ele tombou ao chão, sabendo que era tarde demais para tentar qualquer coisa.

*( As vespas solitárias não vivem em colônias, no entanto, sob alguns aspectos, são ainda mais interessantes que as vespas sociais... Alguns tipos costumam fazer seu lar nos ninhos de outros insetos... As vespas fêmeas, adultas, costumam trabalhar e se sacrificar por sua prole, mesmo que nunca venham a ver suas crias... A larva de vespa solitária tem predileção, conforme seu tipo, por uma dada modalidade de inseto, entre aranhas, besouros, formigas, e outros... Os adultos alimentam-se de nectar e sucos de frutas, contudo, caçam presas que são picadas por seus ferrões paralizantes e levadas ainda vivas para a toca... Quando a vespa adulta consegue reunir um estoque de presas suficientemente grande, ela deposita um ovo em um dos corpos das vítimas e a seguir fecha o ninho hermeticamente. Em poucos dias, a larva eclodirá do ovo, encontrando ao seu dispor um abundante suprimento de alimento fresco...)*

*Enciclopédia Delta Universal - Adaptado*

Ele despertou, sentindo a agitação de um corpo rompendo a paz do ambiente. Odores pesados exalados por materiais em decomposição preenchiam o espaço, deixando o ar denso. Ouvia passos, descompassados, como os passos de um aleijado, dando voltas, indo de lá para cá, de cá para lá. E outros ruídos, de coisas sendo... posicionadas... empilhadas?

O vampiro estava caído, entorpecido, sem conseguir mover-se, seu corpo escorado em um canto qualquer em meio à treva. Piscou com força os olhos, procurando ajustá-los ao ambiente para poder enxergar o que estava acontecendo. Apertou as pálpebras uma de encontro à outra, várias vezes, forçando-as contra os olhos, depois abrindo-os e girando-os. Seus olhos doíam.

Não conseguia ver nada.

Apenas pode ouvir uma risada esganiçada e curta, e os mesmos passos claudicantes, que agora se aproximavam.

- Não adianta tentar ver - disse uma voz nas imediações. - Você está cego. Mesmo com a luz acesa, tenho certeza que você não está conseguindo ver nada. É perda de tempo...

Mais passos em falso, afastando-se desta vez. Mais riso. E mais coisas sendo empilhadas. Lenha... tábuas. Sim, os ruídos eram inconfundíveis. Tábuas estavam sendo empilhadas em algum lugar ali perto.

Os olhos doíam.

- Ahhh... - o vampiro tentou se concentrar para sair daquele transe, daquele torpor que o imobilizava e o impedia de usar seus sentidos. Não obteve sucesso. Seu corpo mais parecia uma pilha de carne sem vida. Notou que mal e mal podia mover os dedos.

- Não adianta também ficar tentando se mexer - disse a mesma voz, vinda mais de longe desta vez.

O vampiro reconhecia aquela voz. Tratava-se daquele mesmo homem disforme que o havia abordado na cidade.

- O efeito do... veneno, isso vai durar ainda muitos dias - concluiu o demônio.

- V-v-ve... vene... no? - tentou perguntar o vampiro, percebendo que sua voz, espatifada, cacofônica, refletia o estado moribundo que empestava seu corpo inteiro. Suas mãos, dedos crispados, elevados no ar, pareciam dispostas a agarrar uma brisa que não existia.

- É. Veneno, meu caro. É isso mesmo que você ouviu. Podemos chama-lo desta forma - a voz tentava soar simpática, o que a deixava ainda mais tétrica. Horripilante.

Seus olhos doíam, e os vermes não paravam de escaramuçar o seu estômago. Malditos vermes. MALDITOS!

Desesperado, o vampiro tentou se mexer, enxergar, fazer qualquer coisa. Contudo, seu corpo continuava dando a impressão de ter finalmente reencontrado a morte que por tantos anos havia sido adiada, desejoso inclusive de reconciliar-se com esta.

*Se não respira, não vive.*

Um ligeiro tremor foi todo o movimento que decorreu de seus esforços; um reflexo de seus nervos... um calafrio inútil percorrendo sua espinha de alto a baixo.

*“Veneno, meu caro. É isso mesmo que você ouviu.”*

Seus olhos... e os vermes... Malditos vermes.

- Sabe de uma coisa - recomeçou a voz do demônio, encoberto pela penumbra causada pela cegueira. - Sou uma pessoa piedosa, até certo ponto. Além do mais, ficar observando você se debatendo desse jeito...

Os passos mancos voltaram a soar mais alto, mais próximos.

- Acho que fiquei compadecido com a sua bravura - disse, muito perto do ouvido do homem agonizante. Tanto o hálito do demônio quanto seu sotaque irreconhecível recendendo a podridão e morte.

O demônio afastou-se um pouco, ou elevou a cabeça, e riu o seu riso de bruxa velha, deixando o vampiro, tão acostumado com as vezes do predador, absolutamente apavorado perante as terríveis perspectivas de ter se tornado presa.

- Vou lhe contar uma história - prosseguiu o demônio, e levando em conta os ruídos que este produziu, o vampiro julgou que ele tivesse puxado uma cadeira ou algo assim, tendo então se sentado. - Você deve ter ouvido... você deve se lembrar, na primeira vez em que vimos um ao outro, algumas semanas atrás, quando eu lhe disse que...

*Semanas?*

- ... eu era a vespa, e vocês eram as aranhas. Acho que você se recorda disso, não é mesmo?

O vampiro, paralisado, não fez que sim nem que não.

*SEMANAS? Tinham se passado semanas desde o primeiro contato? Mas isso era impossível...*

- Bem, não posso dizer que eu seja exatamente como você, afinal uma aranha nunca é igual a uma vespa, ou a uma mosca. - O demônio riu outra vez,

divertindo-se às custas da própria infâmia, como o vampiro havia feito por diversas vezes, diante de suas próprias vítimas. - No entanto... Eu conheço muito bem a sua raça, e por razões que não lhe dizem respeito, também eu, também a minha raça desenvolveu uma doença da noite, semelhante à que afeta vocês. Como vocês, também eu vivo de absorver o oxigênio do sangue dos outros, contaminando gente por aí, espalhando a morte. Como vocês, eu também destruo as pessoas sem discriminar os inocentes dos culpados, movido por uma fome semelhante à sua.

O demônio levantou-se do móvel onde havia se sentado, e caminhou para um lugar não muito distante, que o vampiro não podia ver.

- Velhos tempos... Toda a paranóia de escapar durante o dia e procurar pobres coitados, ou ricos afortunados e tolos durante a noite. Vi algumas civilizações surgindo e desmoronando, e algumas culturas transformando-se em pó de uma noite para a outra, algumas vitimadas pelos humanos, outras por gente como você. Vi minha própria cultura, a cultura de meus antepassados, desfazer-se diante de meus olhos, conforme o tempo, os séculos se passavam.

Uma pausa. Muito silêncio, atormentando o vampiro. O cri-cri dos grilos. O coaxar de uma rã entusiasmada. Predadores e presas por todos os lados, de todos os tamanhos.

Seus olhos... os vermes...

- Não sinto mais esperança, e deixei de ter fé em alguma coisa há tanto tempo que acabei esquecendo como vem a ser tal sensação - prosseguiu o demônio.

- Peguei doenças, uma a uma... todas as doenças contagiosas dos homens, sabendo do pouco dano que elas poderiam me causar, assim como a vocês, afinal... não há dúvida quanto às extraordinárias capacidades regenerativas dos vampiros, só comparáveis ao apetite insaciável por sangue. Eu, porém, procurei as doenças, as pestilências, por minha própria vontade. Tenho motivos para tanto, e estes não vêm ao caso.

Mais passos. O demônio caminhava pelo lugar, e parecia estar premeditadamente disposto a confundir a debilitada audição do vampiro.

- Vivi tudo isso - sua voz surgiu de um outro lugar, diferente de onde soavam os passos - e sei o que significa ser imune e estável pelos séculos afora. Porém, descobri que nem tudo é tão perfeito como parece... Existem tantas criaturas fascinantes neste mundo. Tantos exemplos de aparente perfeição... O escorpião, tão poderoso, com seu formidável veneno, capaz de derrubar um homem com uma picada, e que é feito em pedaços em segundos por um bando de minúsculas formigas, muito menores do que ele, e tão indefesas que a própria chuva as destrói... O caranguejo, blindado, possante, um verdadeiro acampamento para milhares de vermes. E a tarântula, poderosa assassina, que nem chega a ser páreo para uma única vespa da terra. Aparências, nada além de aparências.

- Sabe, meu amigo... não existe perfeição, nem segurança, e tampouco uma garantia. Todos nós fazemos parte de um ciclo, até mesmo os humanos... e os vampiros. A esta altura, nem mais falar, nem emitir sons você pode... Eu sei. Tenho certeza. Já vi esta mesma cena acontecendo antes, com diferentes olhos, em diferentes lugares, através de diferentes realidades. Sei o que o... veneno faz. Conheço todos os sintomas. Possuo experiência secular no assunto.

O demônio riu outra vez, e aproximou-se do vampiro. Seus passos deixavam a impressão de estar vindo de todos os lados.

Os vermes... mexiam-se sem parar pelo seu corpo... despedaçando-o... fragmentando-o...

- Como as vespas, minha estirpe também tem a sua maneira incomum de se perpetuar... As larvas das vespas eclodem dos ovos e sugam a vida das aranhas paralisadas. E muitas aranhas são sacrificadas em troca de uma única larva, que resultará em uma vespa ainda menor. Aranhas como você, afinal todos fazemos parte do ciclo. Alguns tem mais sorte do que os outros, e estão melhor posicionados neste ciclo. Eu tive esta sorte, e hoje sou vespa adulta.

*“Mas... nem todos têm sorte, não é mesmo?”*

O homem de cartola e sobretudo rasgado levantou-se. Caminhou manquitolando e ultrapassou a porta que dava para o lado externo da velha casa descuidada.

Apreciou a paisagem sombria da noite, tentando em vão respirar o ar orvalhado trazido pela brisa.

Um pedaço da carne do rosto deformado descolou-se e caiu. Ele não se importou. Tinha coisas muito mais importantes para fazer. Acostumara-se há tempos a ter a pele e as carnes apodrecendo e caindo de seus membros, de sua face, e de todo o seu corpo. Sabia muito bem o que devia ser feito para acabar com o processo degenerativo, assim como tinha plena consciência de quão temporária e efêmera era tal solução.

Fazia parte do ciclo. E era assim que devia ser.

Fechou a porta da frente. Sem pensar muito, conferiu o material que trouxera do interior da casa. Algumas tábuas, um saquinho plástico com velhos pregos, e um martelo, além de sua velha maleta escura e puída, forrada em couro e pó, onde trazia os *preparados*, tão necessários a ele, e à parte que ele representava no ciclo.

Fechou a porta, girando a velha maçaneta redonda. Juntou as tábuas vindas de dentro da casa com as outras que estavam do lado de fora, empilhando-as todas juntas, e a seguir agarrou um par de pregos do saquinho plástico e colocou-os na boca. Pegou a primeira tábua da pilha e colocou-a junto à porta. Devagar, mas de modo firme, resoluto, pôs-se a pregar, uma a uma, todas as tábuas da pilha na porta, procurando vedá-la, com segurança.

Conferiu o serviço, ao terminá-lo, julgando-o excelente.

Colocou o martelo e o saquinho com os pregos em um esconderijo improvisado junto à parede frontal do casebre. Pegou sua maleta antiquada e partiu dentro da noite, sem olhar para trás.

Dentro da casa, em um canto escuro, alguém que já havia sido humano, de olhos arregalados em um espasmo, sem poder se mexer, sentia as entranhas se desfazendo aos poucos dentro de seu corpo.